

Os arquivos pessoais: roupas, memórias e sensibilidades na moda

Ivana Guilherme Simili (Doutora em História. Professora de Metodologia de Pesquisa e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Maringá – Uem, Pr.).

Resumo: Focalizo questões relacionadas aos arquivos pessoais nas pesquisas de moda, em seus elos com as memórias e as sensibilidades. Com este propósito, examino como as maneiras de vestir e de sentir as roupas registram-se nos documentos de memória e se constituem em via de acesso para o conhecimento das sensibilidades na moda.

Palavras-chave: Roupas. Arquivos. Sensibilidades.

Personal files: clothes, memories and fashion sensibilities

Abstract: The paper focuses on issues related to personal files in search of fashion in its links with the memories and sensibilities. For this purpose, I examine how the ways of dress and feel the clothes on the register documents of memory and constitute a means of access to the knowledge of the fashion sensibilities.

Keywords: Clothes. Files. Sensibilities.

Introdução:

A história se escreve com documentos. Essa é a máxima metodológica que perpassa, dá sentido aos estudos históricos, que leva os historiadores para os arquivos e os obriga a enfrentar os problemas relacionados às fontes de consulta e às metodologias envolvidas em suas análises. Nos estudos de moda, as coisas não se passam de modo diferente.

Talvez a grande contribuição da moda para os estudos históricos foi a de inserir, no bojo do conceito de documentos, as roupas, trazendo, com elas, alterações significativas nas maneiras de olhar e conceber o que é a história, do que ela é feita, e de como pode ser conhecida e explicada; perspectivas que, em nosso entendimento, enriquecem a prática de pesquisa e o conhecimento histórico.

Novos olhares sobre as roupas que os arquivos de memória e patrimoniais – da imprensa, os acervos pessoais e públicos, os museus – guardam ou conservam desenham práticas de pesquisa em moda, compondo

novas paisagens históricas e historiográficas, com novas roupagens, nas quais as aparências, o consumo, o mercado, as subjetividades, as práticas de vestir, os usos feitos das roupas pelas pessoas nos espaços e ambiências, entre outras tantas temáticas, são os fios condutores para a compreensão e o conhecimento de questões relacionadas às apropriações e aos significados históricos e culturais das vestimentas em diferentes tempos e lugares, por meio de diferentes personagens.

A ampliação do olhar do pesquisador para os documentos vem colocando questões específicas na avaliação e no tratamento das fontes. Roche (2007) e Crane (2006) mostraram como as segmentações sociais refletem-se nos arquivos e nos documentos, imperando as roupas dos ricos e poderosos em detrimento daquelas usadas por pessoas comuns. A constatação, longe de ser empecilho, é considerada expressiva dos mecanismos de produção, consumo e distribuição das roupas nas diferentes épocas, sociedades e culturas, os quais se refletem nos documentos como produtos históricos, legados pelo passado ao presente.

Os princípios históricos de que sem “escrita de si” ou “produção de si” na forma de documentos não há história possível, são reafirmados pelos estudiosos de moda, quando vasculham os arquivos em busca de informações sobre os usos feitos das roupas pelas pessoas comuns e porque não dizer, “marginais”, caso das prostitutas, dos gays e das lésbicas.

Além das segmentações sociais, as maneiras de homens e mulheres lidarem com os arquivos de memória pessoais, por meio dos quais o acesso ao conhecimento das roupas que tiveram e usaram seria possível, também são diferentes. A educação diferencial de meninos e de meninas conduz os olhares e as práticas da memória – de registros e as formas de lidar com as produções de si, transformando as memórias em sexuadas.

Neste ponto, recupero um dos textos mais belos que li, o de Michelle Perrot (1989), sobre as práticas da memória feminina, no qual são abordados tópicos relacionados às formas de registros e de recordar das mulheres, o que permite dimensionar as diferenças nos modos de pensar e de agir de mulheres e homens como memórias sexuadas.

Perrot menciona que as formas de expressar e de lembrar-se das mulheres estão relacionadas à sua condição, ao seu lugar na família e na

sociedade. Como “secretárias da família”, elas se tornaram responsáveis pela constituição e conservação das memórias familiares, “os anais do lar, as correspondências cujos escribas habituais são elas, os diários íntimos, cujo emprego é recomendado às jovens solteiras pelos confessores e, mais tarde, pelos pedagogos como uma forma de controle de si”, caracterizando-os como “refúgio de escritos de mulheres, domínio cuja imensidão tudo atesta” e, por isso, são objetos de destruições na medida em que apagar os rastros de suas vidas, do que viveram, principalmente dos amores e afetos que tiveram, é uma prática comum, dados os medos e os receios de comprometer o presente no qual estão imersas. (PERROT, 1989, p.11-13)

Somam-se a essas práticas a acumulação das roupas – de cama, mesa, banho e vestuário. O enxoval para o casamento documenta a história da relação entre mãe e filha; a moda, “nova forma de civilidade, é um código ao qual convém submeter-se sob o risco de decair”, educa a memória e imprime os ritmos das lembranças. “Uma mulher inscreve as circunstâncias de sua vida nos vestidos que ela usa, seus amores na cor de uma echarpe, ou na forma de um chapéu”. Com isso, as roupas passam a ser instrumentos da memória, em que as mulheres recordam os amores pelas roupas que vestiam: “Naquele dia eu usava”, diria uma mulher. Logo, “a memória da mulher é trajada. A vestimenta é a sua segunda pele, a única da qual se ousa falar, ou ao menos sonhar”. (PERROT, 1989, p.15).

Por intermédio de Roche (2007), Crane (2006) e Perrot (1989), apresento e justifico a transformação de um diário íntimo, escrito por uma prostituta, como documento de memória das roupas e da moda. Quais registros das roupas que teve e usou foram produzidos? Como as vestimentas são narradas e quais aparências produzem? Que papel as roupas desempenham em sua vida? Como as roupas são lembradas na cadeia de suas recordações? O que se pode obter nas descrições sobre o consumo de moda da época em que os relatos foram produzidos?

A trajetória do diário e seu emprego como fonte de pesquisa

No dia em que partirei para sempre, aqui fica(sic) minhas passagens e uns pedaços da minha vida. Neste meu querido diário. Selma.

Com esses dizeres, de Selma, a escritora do diário, iniciamos a apresentação de nossa fonte. O diário chegou até minhas mãos quando eu realizava a pesquisa para o mestrado, a qual versava sobre uma Casa de Prostituição na cidade de Assis-SP, a da “Antonieta”, que existiu entre os anos 1943-1978. O estudo tinha por objetivo buscar as lembranças das mulheres que haviam sido prostitutas da casa, de maneira a entender os trabalhos da memória: o que elas recordavam e como recordavam as experiências vivenciadas na condição de “prostitutas da Casa da Antonieta”, a qual era lembrada pela população como espaço de luxo e requinte, por abrigar somente mulheres bonitas e bem vestidas, e só podia frequentá-la quem tinha dinheiro e poder, porque diversão, bebida e sexo com as garotas custavam caro.

Durante os contatos estabelecidos por mim para o levantamento das informações, conversei com o sobrinho de Antonieta, cuja morte aconteceu em 1978 e havia marcado o fechamento da casa. Esse sobrinho, Celso de Tílio, era o guardião da memória de Antonieta: de seus objetos pessoais, dos móveis, da documentação que as gavetas e os armários guardavam.

Em meio a essa documentação, Celso encontrou o diário de Selma, o qual foi cedido por ele para a pesquisa. Por meio desse diário, bem como de outros documentos, inclusive a história oral com as ex-prostitutas que residiam na cidade, é que a pesquisa foi realizada.

O encontro do diário levantava e continua a levantar questões importantes quanto à origem do documento: por que Selma o escreveu? Por que o deixou na casa? Por que Antonieta o guardou? Não temos respostas para muitas dessas perguntas. Entretanto, algumas delas, tentaremos responder.

Selma escreveu o diário entre os dias 10 de junho e 18 de setembro de 1959. Como um documento de época, possui 81 páginas escritas manualmente com letra legível e linguagem coloquial. Seus relatos totalizam 101 dias e trazem informações sobre a vida em uma casa de prostituição, a de Antonieta.

Por meio das características do documento, é possível dizer que o diário era presença viva em sua vida e em seus afazeres, registrando o que havia feito, como havia sido o seu cotidiano. Podemos tentar entender o comportamento da autora, de escrever sobre si, como um mecanismo de comunicação? Essa perspectiva foi adotada por Corbin (1991, p. 458), ao escrever: “com frequência, mal inserida na sociedade onde foi chamada a viver, a autora de um diário sofre por não poder comunicar-se”. Seria esse o motivo que teria levado Selma a escrever, driblando, assim, a solidão e a falta de ter com quem conversar sobre suas intimidades, sobre o que sentia, sobre como via e interpretava o mundo?

Talvez tenha sido essa ou qualquer outra motivação. No entanto, seja ela qual for, faz-se necessário considerar o que significava ser prostituta e como era a prostituição em meados do século XX. Em primeiro lugar, é preciso ter claro que não se tratam de fenômenos atemporais. Cada época, sociedade e cultura trataram-nas de maneiras diferentes. Nos limites deste texto não será possível fazer o histórico do fenômeno, no entanto, na época de Selma e da Casa da Antonieta, as casas eram fenômenos observáveis nas cidades brasileiras. A zona de meretrício, os bordéis, ou casas, a Igreja e a delegacia eram elementos que compunham os cenários das cidades.

A essa característica somam-se outras, como, por exemplo, a rotatividade das prostitutas, ou o fenômeno da desterritorialização. Com frequência, elas mudavam das cidades e das casas. Era prática comum a prostituta “fazer a vida” em uma casa por um tempo e, tão logo a “novidade” de sua presença para os homens fosse esgotada, ela partia para começar o ciclo noutra cidade e local.

Não há como fazer uma analogia entre essas práticas e as engrenagens da moda. Enquanto era “novidade”, a prostituta constituía-se como um produto para o mercado de consumo masculino e heterossexual, e as possibilidades de ganho majoravam. No entanto, quando se tornava obsoleta ou deixava de despertar o interesse dos homens, ela movimentava-se, dinamizando a rotatividade, de modo a se tornar atrativa, como novidade, em outras casas.

Dito isso, é provável que Selma, ao chegar a uma casa e ter de conviver com outras mulheres, também prostitutas, as quais eram vigiadas e controladas pela proprietária, e cujo motor de funcionamento era a competição

entre elas para seduzir e encantar os homens para “fazer a vida”, sentisse que os laços de amizade ficavam comprometidos.

Selma, ao escrever o diário, parece acenar para essa possibilidade. Entre contar e confessar o que sentia, o que vivia, para as “colegas de trabalho”, optou por narrar o que fazia e como vivia para seu amigo imaginário, o diário. Tem mais, se considerarmos que desde Freud nenhum comportamento, por mais miúdo que seja, tem alguma explicação, ainda que somente para quem o pratique, é possível que o ato de escrever e de esquecer o diário na casa possa ser sintomático e emblemático do que escrevemos. Alguma coisa fez que ela escrevesse e esquecesse “aquele a quem chamava de querido” na casa. Será que ela foi embora rapidamente e, por alguma razão, não teve tempo de pegá-lo? Será que em todas as casas pelas quais ela passou era prática instituída escrever um diário? Será que Antonieta o subtraiu do quarto dela, o leu e viu que havia informações comprometedoras e não mais o devolveu? Será que Antonieta tão somente o guardou, esperando que um dia ela voltasse e o devolveria, o que nunca aconteceu?

No último registro, do dia 18 de setembro, uma sexta-feira, Selma escreveu:

Estava dormindo a Shirley veio me chamar para jogar. Estava sentada lá fora eram 10 h meu amor chegou, me trouxe uma melancia ficou até ao meio dia, saiu eu fui jogar. Joguei até as 5 e meia, ganhei 280 estava na mesa o Zico chegou eles saiu e nos paramos o jogo. Tomei banho, não quis jantar.

Em geral, Selma sempre registrava seu cotidiano de forma completa – do acordar ao dormir. Naquele dia, ela finaliza seu relato com “não quis jantar”. Naquele dia, como em outros, a “presença daquele que chama de seu amor e marido” é o mote principal das descrições, levando a pensar que a paixão e o afeto desenvolvido por um dos clientes a levou a extravazar seus sentimentos e emoções no diário. Naquele dia, ele a havia presenteado com uma melancia, ficando com ela por duas horas, e ela havia ganhado dinheiro no jogo. O que aconteceu com o casal durante o tempo em que ficaram juntos? O que será que houve? Teria sido esse encontro o fim de uma história? Não é possível saber...

De qualquer modo, o documento legado por Selma é ímpar e único. Contrariando as perdas e os esquecimentos que pontuam as práticas da memória feminina, com todos os crivos e seleções operadas pelo tempo e pelos guardiões das memórias, o diário de Selma sobreviveu. Como ler e interpretar um documento de memória, escrito à mão, por uma prostituta sob a perspectiva das roupas e da moda?

O uso de diários nas pesquisas permitiu o desenvolvimento de estratégias metodológicas, pautadas por indicações dos riscos e perigos nas leituras e nas interpretações desses documentos. Pierre Bourdieu (2002) menciona o perigo da “ilusão biográfica”, em que o sujeito e o objeto da biografia (o investigador e o investigado) tendem a buscar a aceitar a existência como coerente. Bourdieu chama, assim, a atenção para os “perigos da sedução” entre leitor e escritor, na busca de coerência para uma vida e uma narrativa. Conforme observamos há pouco, não há coerência alguma nos gestos de ninguém e, nesse aspecto, Selma, é representativa dos caminhos e descaminhos percorridos por uma mulher e prostituta. As narrativas produzidas por Selma, dão conta da variedade e multiplicidade de sentimentos. Ao mesmo tempo em que está apaixonada, o amor e a paixão depositados em um homem não a impedem de viver a vida e de ter outros relacionamentos, de desenvolver afetos por outros homens. É isso que Selma mostra. É assim que ela se mostra por meio dos discursos que produz para a sua vida.

Nosso interesse não recaiu sobre a linearidade ou a veracidade do que Selma escreveu, mas sobre a sensibilidade que ela evidencia em seus relatos, ao absorver as roupas, os tecidos e as cores como temas de suas narrativas. Como “atos de lembrar e registrar”, produzidos pela memória de uma mulher, portanto, como “resíduos da ação”, conceito formulado por Alberti (2005,p.169), para dar conta da separação entre o “acontecido” e as “narrativas do acontecido”, os registros de Selma constituem-se em via de acesso para as formas desenvolvidas por uma prostituta para lidar, vivenciar e recordar as vestimentas.

Selma, nesse ato de recordar as roupas, como “prática cultural do sensível”, registra muito mais que roupas, cores, e tecidos, ela registra suas emoções e vivências em uma casa de prostituição, dotando de significado sua

existência e as roupas que teve, ou que passaram por sua vida, para a moda do período.

Finalmente, faz-se necessário uma observação final, dada a perspectiva de análise adotada: nos fragmentos textuais selecionados para este texto, a escrita foi preservada, ou seja, reproduzimos os trechos tais quais eles foram escritos, indicando somente os erros ortográficos. A pontuação permaneceu como encontramos, porque entendemos que ela reflete o modo como Selma dialogava com a língua e com o mundo. Suprimimos das narrativas o nome do “amor”, para preservar sua identidade e, também, para contornar problemas familiares, dado o fato de que, consoante aos registros, o sobrenome citado é bem conhecido na cidade de Assis.

Roupas para o dia e para a noite

*10 de junho de 1959,
Meu querido diário*

Ontem me levantei a 1 da tarde, tomei banho e fui para o meu quarto, eu me arrumei e me vesti com uma calça comprida bege e uma blusa de lã cinza, sentei-me na cama e fui bordar perto de minha radióla. Ouvei umas músicas.

As 3 hora fui para a cidade dei umas voltas de carro e vim me embora, não jantei . As 7 horas tomei banho e fui para o meu quarto me arrumei e fui para o salão vesti um vestido de lã coral de minha colega mas como estava fazendo muito frio pus uma echarpe branca, por cima. Mais tarde chegando o meu amor (...), sendo ele casado, pai de 4 filhos não lembrando de tua esposa, chegando, me dirigi a ele mais ele estava zangado comigo. Sentei-me uns 15 minutos com ele em uma mesa, ele pegou e saiu para o bar ao lado da chacinha, onde me residia a 3 anos, ele voltando me chamou disse para mim ir até o quarto, chegando falou para mim que não me queria mais e não podia mais continuar comigo.

Ao contar como foi o seu dia, Selma rememora e detalha quais roupas usou e como as usou. Para o dia, fez uso da calça comprida e da blusa de lã para ficar no quarto bordando e ouvindo música; à noite, para o “salão”, colocou sobre o corpo um vestido de lã coral e uma echarpe branca, como seu complemento, a qual foi “emprestada de uma colega”.

“Se as escolhas dos vestuários são uma das formas como os indivíduos entendem sua vida pessoal” (CRANE, 2006, p. 391), as escolhas feitas por Selma das roupas que usaria e usou naquele dia, conforme relatado, revelam informações sobre como era a sua vida na casa de prostituição, como era viver naquele local; como as regras do lugar, onde, segundo afirma, está morando há 3 anos, condicionaram/determinaram as opções que fez.

Se existe um item da indumentária que causou muita polêmica quanto a ser usada pelas mulheres foi a calça comprida. Segundo Hollander (1996), até o final dos anos 30 a saia era ainda universal na moda feminina, e as calças eram uma anomalia rara, sempre um caso especial. Para Crane (2006), o posicionamento em relação à calça comprida no século XIX e no início do XX possui como pano de fundo a ideologia do período, o qual estipulava identidades de gênero fixas e enormes diferenças – físicas, psicológicas e intelectuais – entre homens e mulheres. Apenas entre o final do século XIX e início do XX as saias-calças e as calças começaram a participar da indumentária feminina, como roupas apropriadas para as atividades esportivas.

O relato de Selma permite dizer que, no final dos anos 1950, o uso das calças compridas pelas mulheres reiterava o sentido de vestimenta para o lazer, para o descanso. Ela a usa para ficar em casa. Ainda que Selma tenha usado a calça para passear pela cidade, o sentido da informalidade permanece.

No entanto, a esse significado soma-se outro. Em uma casa de prostituição, como espaço público de lazer e diversão, a vida das mulheres era regida por suas dinâmicas e, nelas, as visitas e a presença dos homens durante o dia, procurando pelas prostitutas, pelas facilidades proporcionadas pelo mundo do trabalho, com as famosas e históricas “escapadinhas” dos controles femininos, produzem outro significado para a mesma indumentária. Ao lazer e ao descanso cotidiano, o conjunto de calça e blusa servia, também, para que Selma, em caso de eventual visita masculina, pudesse se apresentar, mostrar-se, oferecer-se.

Em outros momentos de suas descrições, essa perspectiva torna-se nítida ao mencionar, no último registro, feito no dia 18.09.1959, que, às 10 horas da manhã, recebeu a visita do amante, e de outros homens: “Me despertei às 12 horas, tomei uma chícara (sic) de café, fui fazer uma fachina

(sic) em meu quarto, terminando a fachina (sic) chegou um rapas (sic), brincando comigo, deitou em minha cama, eu sai do meu quarto e fui para o quintal, ensaiei a quadrilha e sai para a rua”(12 de junho de 1959); “levantei, tomei banho, me chamaram para servir de companhia no salão para uma turma que veio de Garça jogar em Assis” (21 de junho de 1959).

A escolha feita por Selma do vestido coral e da echarpe branca para usar à noite no salão, espaço da casa reservado aos encontros diários e noturnos com os homens, era uma regra da Casa da Antonieta, a que todas as mulheres deviam submeter-se. O salão era o “coração” da casa, o local de maior controle da proprietária, Antonieta, sobre as aparências das “meninas”.

É possível afirmar que, dados os fins e objetivos almejados pelas mulheres e pela proprietária em torno do salão, as atividades diurnas deviam ser dedicadas aos cuidados com o corpo e com as aparências, como atividades preparativas para a noite. Selma fez registros dessas práticas de cuidados corporais e de embelezamentos ao anotar: “Às 8 horas chegou o japonês meu conhecido de P. Prudente ganhei um vidro de perfume” (17 de junho de 1959). “Levantei a 10 e 30h tomei banho mão quis [sic] almoçar fui enrolar meu cabelo” (5 de agosto de 1959). “eu comprei um jogo de bolsa e sapato, 2 saias” (10 de agosto); “Às 12h me despertei me aprontei chamei um carro e fui ao cabeleireiro com a Geny (28 de agosto de 1959)”. “Levantei tomei banho e fui para o cabeleireiro pinteí meu cabelo de louro” (14 de setembro de 1959).

Às práticas de consumo de moda – sapatos, bolsas, roupas, perfumes etc.; somam-se registros que indicam como as informações sobre roupas e acessórios chegavam até as meninas da Casa da Antonieta. Expressivas, nesse sentido, são as anotações sobre as idas ao cinema e os filmes assistidos: “Quero viver” (26 de agosto); “Férias em Paris”; bem como sobre a leitura de revistas: “li a revista semanal do rádio (13 de junho).

Os resultados dos investimentos nas aparências, ostentados à noite, no salão, podem ser dimensionados nestes escritos de Selma: “Às 9 fui para o salão com meu vestido rosa de gás [sic]. Meu querido chegou e me achou linda” (dia 8 de agosto de 1959); “a noite estava de salto alto dançando” (10 de julho 1959).

O vestido coral era de lã, o rosa, mencionado nesta descrição, provavelmente, era de gaze, tipo de tecido de “algodão penteado (com fibras bem cardadas, leve e transparente, pode ser de seda pura para uso na alta-costura ou de algodão e também chamado de bandagem)” (CHATAIGNIER, 2006, p.147).

Lã e gaze como tecidos dos vestidos de Selma, o coral e o rosa, como cores de suas roupas, também se constituem em elementos de comunicação visual que dizem muito sobre nossa personagem e sobre a cultura da moda do período. Na história da indumentária, os vestidos se impuseram como marcas e marcadores da feminilidade. Os tecidos e as cores, também.

Tons mais suaves do vermelho, do rosa ao salmão, parecem se relacionar às afeições. O rosa forte é a cor tradicional do amor romântico, tanto sexual quanto emocional. Quanto mais branco é acrescentado (pureza, inocência), o conteúdo sensual diminui (LURIE, 1997, p.209).

Se as roupas dizem muito sobre quem as veste, seria possível afirmar que Selma era uma mulher romântica? Será que, por intermédio das descrições feitas por ela sobre as roupas usadas na casa, é possível dizer que ela trabalhava sua aparência de modo a fabricar um tipo de feminilidade “sedutora e romântica”?

Parece que sim, se considerarmos que Selma, muito embora fosse uma prostituta, pode ser tomada como representativa da cultura dos gêneros da época em que produziu seus escritos no diário. Carla Bassanezzi (2006) mostrou que, no Brasil, entre os anos 1950 e 1960, muitas transformações foram impulsionadas, entre outros fatores, pelo desenvolvimento econômico, pelo processo de urbanização, pelo incremento do parque industrial, pela ampliação de possibilidades profissionais para a população em geral, e para os segmentos femininos, em particular.

No entanto, nesse contexto, os papéis femininos tradicionais de mães, donas de casa e esposas, em função das características consideradas como próprias das mulheres, englobadas no termo feminilidade (pureza, doçura, resignação, instinto materno etc.), constituem um modelo hegemônico. Para as

moças, namorar, casar –se virgem e ser feliz no casamento, eram os ideais de feminilidade.

Certamente Selma constituía-se em risco e perigo para o modelo e o ideal de feminilidade. No entanto, os sentimentos de amor e paixão vivenciados por ela com um homem, bem como os sonhos de casamento e felicidade conjugal acalentados, são nítidos em seus registros. Talvez, ao final deste texto, possamos afirmar que foi a dor e o sofrimento de manter um relacionamento com um homem casado, e de saber do papel que ocupava na vida dele e na sociedade da época, que levaram Selma a produzir registros sobre sua vida na casa.

Não é somente em decorrência desse aspecto, mas também de outros, tais como bordar, limpar seu quarto, e fazer registros dos presentes recebidos de seu amor “melancias, goiabadas, laranjas”, que acreditamos que Selma sentia-se “sua esposa”. A sensibilidade de uma prostituta também se manifestava em sua memória, ao rememorar as roupas que teve e usou na casa, revelando, acima de tudo, um tipo de feminilidade “delicada e sensual”, bem ao gosto e ao estilo da época em que viveu e foi prostituta, bem como os sentimentos de dor, tristeza, alegria que acompanhavam o vestir.

Muito provavelmente, Selma jamais sonhou que suas memórias pudessem ser conhecidas por nós. O que ela conta vai ao encontro do que escrevi em alguma parte deste texto: a prostituição não é atemporal, e por intermédio das roupas das prostitutas, podemos estabelecer as diferenças entre o passado e o presente; entre as prostitutas do passado e as do presente; além de compreender como as feminilidades foram estrategicamente absorvidas para seduzir e encantar os homens, e para deles se lembrar.

Referências

ALBERTI, Verena. Fontes orais. A história dentro da história. In: Pinsky et al. (org.) *Fontes históricas*. SP: Contexto, 2005.

BASSANEZZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, Mary Del. *História das mulheres no Brasil*. SP: Contexto, 2006. P. 607-639.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org). *Usos & abusos da história oral*. 5.ed. RJ: Editora FGV, 2002. P.183-192.

CHATAIGNIER. Gilda. *Fio a fio*. Tecidos, moda, linguagem. SP. Estação das Letras, 2006.

CORBIN, Alain. Os bastidores. In: PERROT, Michelle.(org.) *História da vida privada*. SP: Cia das Letras, 1991. v.4, p.413-563.

CRANE, Diana. *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. Tradução Cristiana Coimbra. São Paulo, Senac, 2006.

LURIE, Alison. *A linguagem das roupas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

PERROT, Michelle. As práticas da memória feminina. *Revista Brasileira de História*, v.9 (18), p. 9-18, 1989.

ROCHE, Daniel. *A cultura das aparências*. Uma história da indumentária (séculos XVII –XVIII). São Paulo: Senac, 2007.

SIMILI, Ivana Guilherme Simili. *Memória da prostituição: lembranças da Casa da Antonieta*. Assis, 1995, 189 p. Dissertação. (Mestrado em História). Unesp.